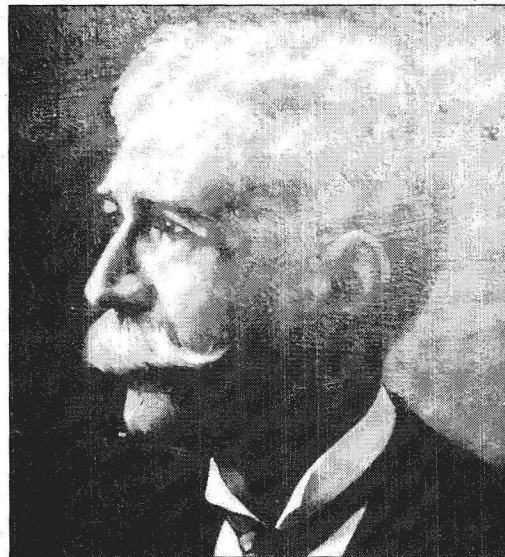


40 Dois acadêmicos que “fazem a cabeça” do presidente

Intelectuais e diplomatas, Joaquim Nabuco e Gilberto Amado são citados no discurso de FH

• É fácil entender a admiração, e até mesmo o sentimento de identificação, do presidente da República por Joaquim Aurélio Barreto Nabuco, citado ontem no discurso de Fernando Henrique. Nascido em Recife, em 1849, Nabuco morreu em 1910, em Washington, onde era embaixador do Brasil. Intelectual, político e escritor, Nabuco esteve no exílio, voluntariamente. Viajou e leu muito. Sempre radical em sua ação e ao mesmo tempo sendo capaz de rever posições, era abolicionista convicto e defendeu esta a causa com todas as armas de que dispunha: livros, jornais, partido político e sociedades contra a escravatura, apesar de sua família ser dona de engenho. Era um liberal, mas lamentou o fim da Monarquia. Advogado, estudou em São Paulo e em Recife, onde era chamado pelas moçoilas de “Quincas, o belo”. Jornalista, deputado e diplomata que sonhou com a união das Américas, envolveu-se em lutas que abraçou até as últimas conseqüenciais. Achava que o país tinha que ser empurrado para a modernidade, mesmo que a sociedade reagisse às reformas.

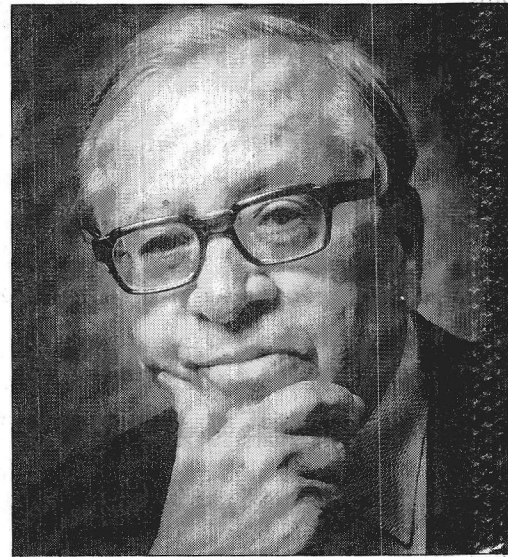
No livro “Minha Formação”, Nabuco afirma no prefácio: “estou convencido de que ele (o livro) não enfraquecerá em ninguém o espírito de acção e de luta, a coragem e a resolução de combater por idéias que repu-



JOAQUIM NABUCO: luta pela abolição

te essenciais, mas somente indicará alguma das condições para que o triunfo possa ser considerado uma vitória nacional”. Um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, descreveu seu pai, o senador Nabuco, como o “espírito da reforma”, em seu livro “Um estadista no Império”.

O escritor, político, diplomata e acadêmico Gilberto Amado, também citado ontem por Fernando Henrique, nasceu em Sergipe,



GILBERTO AMADO: ação diplomática decisiva

em 1887 e morreu no Rio em 1969. De origem humilde, diplomou-se em direito em Recife, onde dava aulas para custear os estudos. Mudou-se para o Rio, onde passou a participar da vida literária da cidade, colaborando para jornais. Nomeado em 1934 consultor jurídico do Ministério das Relações Exteriores, ajudou na elaboração de tratados internacionais. Em 1963, foi eleito para a ABL.